FABULAS
LITERARIAS.

FABULAS LITERARIAS

DE

D. THOMAS YRIARTE

Traduzidas do Castelhano

POR

ROMAÕ FRANCISCO ANTONIO CREYO.

Offerecidas

A Ill.ma EX.ma S.ra D. MARIA

IZABEL DE LENCRASTRE CEZAR E MENEZES.

Usus vetusto genere, sed rebus novis.
Phaedr. Lib. V. Prolog.

PORTO:

Na Officina de Viuva Mallen, Filhos, e Companhia.

Impressores da Relaçaõ. Anno 1796.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço

FABULAS LITERARIAS

DE

D. THOMAS YRIARTE

Traduzidas do Castelhano

POR

ROMAÕ FRANCISCO ANTONIO CREYO.

Offerecidas

A Ill.ma EX.ma S.ra D. MARIA

IZABEL DE LENCRASTRE CEZAR E MENEZES.

Usus vetusto genere, sed rebus novis.
Phaedr. Lib. V. Prolog.

PORTO:

Na Officina de Viuva Mallen, Filhos, e Companhia.

Impressores da Relação. Anno 1796.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço

INDEX

DAS FABULAS LITERARIAS,
Que contém este volume.

FABULA I.

FABULA II.

FABULA III.

FABULA IIII.

FABULA V.

FABULA VI.

FABULA VII.

FABULA VIII.

FA-

FABULA IX.

FABULA X.

FABULA XI.

FABULA XII.

FABULA XIII.

FABULA XIV.

FABULA XV.

FABULA XVI.

FABNLA XVII.

FABULA XVIII.

FA-

FABULA XIX.

FABULA XX.

FABULA XXI.

FABULA XXIII.

FABULA XXIV.

FABULA XXV.

FABULA XXVI.

FABULA XXVII.

FABULA XXVIII.

FABULA XXIX.

FA-

FABULA XXX.

FABULA XXXI.

FABULA XXXII.

FABULA XXXIII.

FABULA XXXIV.

FABULA XXXV.

FABULA XXXVI.

FABULA XXXVII.

FABULA XXXVIII.

FABULA XXXIX.

FA-

FA-

FA-

A ILL.^ma EX.^ma S.^ra D. MARIA IZABEL DE LENCRASTRE CEZAR E MENEZES.

N*Ada devendo vacillar EX.^ma SENHORA, na eleiçaõ de protector para amparo da presente traducçaõ, que publico, assentei que só a V. EXCELLENCIA devia ser dedicada, para que debaixo dos seus auspicios se faça mais estimavel. Sendo constante, que ás virtudes dos gloriosos Avós, que tanto ennobrecêraõ a patria com a espada, e penna, junta V. EXCELLENCIA hum amor por natureza excessivo, e applicado as Sciencias, que tanto conhece, e sabe aprecear, unindo-se a isto as indiziveis obrigaçoens, que por muitos titulos*

devo

devo á PESSOA de V. EXCELLENCIA, estas as duas grandes razoens, porque justamente offereço a V. EXCELLENCIA esta, bem sei que limitada offerta, mas tributo indispensavel da minha obrigaçaõ; proteja-a com o seu respeito, e ficará servindo esta acçaõ de eterno monumento á generosidade de V. EXCELLENCIA, e a mim de dar quotidianamente publicas mostras do meu reconhecimento. No NOME de V. EXCELLENCIA, terei hum escudo firme contra os golpes da mordacidade, quando naõ bastem as muitas, e excellentes armas, que contra ella ministra a mesma obra.

Deos guarde a PESSOA de V. Ex.xa

Como muito deseja seu humilissimo criado
Romaõ Francisco Antonio Creyo.
O F. D. A.

AD-

ADVERTENCIA

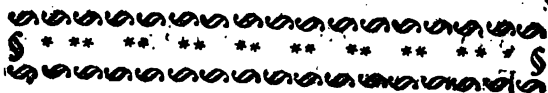
Posta pelo Editor Hespanhol no frontispicio da primeira impressaõ destas Fabulas.

PORQUE principiavaõ a correr na maõ dos curiosos algumas copias viciadas destas Fabulas, me persuadi fazer algum serviço ao Publico Litterario em pedillas ao seu Auctor, e valido da amizade que lhe devo dá-las á luz com o seu consentimento. Naõ quero preoccupar o juizo dos Leitores a respeito do seu merecimento; mas sómente advertir aos menos versados nesta erudiçaõ, que he esta a primeira Collecçaõ de Fabulas inteiramente Originaes, que se tem feito em Castelhano: que logo que sahíraõ á luz foraõ traduzidas na

lin-

lingua Italiana: e assim como para a Hespanha tem estas particulares recommendaçoens, tem outra tambem para as Naçoens Estrangeiras, vem a ser, a novidade de que todos os seus assumptos se referem á Litteratura. Os Inventores de Fabulas meramente moraes, com mais facilidade acháraõ nos Brutos propriedades para fazer commodas applicaçoens aos defeitos humanos pertencentes aos costumes; porque os Brutos tambem tem suas paixoens: porém como estes naõ lêm, nem escrevem, he mais difficil descobrir nelles particularidades, que possaõ ter relaçaõ, tanto com os vicios Litterarios, como com os preceitos, que devem servir de norma aos Escritores. A doutrina que sobre hum, e outro ponto contém estes Apologos, vai amenizada com a variedade da versificaçaõ.

PRO-

§ ** ** ** ** ** ** ** ** §

PROLOGO.

FABULA I.

O ELEFANTE, E OUTROS ANIMAES.

LA' nos tempos antigos,
E em terras mui remotas,
Quando os Brutos fallavaõ
Tal ou qual gerigonça,
Vend' o ſabio Elefante,
Qu' entre elles era moda
Incorrer em abuſos,
Que merecem reforma,
Affear-lhos pertende,
E p'ra iſſo os convoca:
Depois que a cortezia

A todos fez co' a tromba;
Entra a persuadi-los
Com huma arenga douta,
Que para aquelle intento
Estudou de memoria,
Abominando elleve
Por mais d'hum quarto d'hora
Mil ridiculas faltas,
Mil modas viciosas,
A preguiça nociva,
A presumpçaõ vaidosa,
A arrogante ignorancia,
A inveja venenosa.

Em extremo gostosos
Estavaõ, aberta a boca,
Ouvindo seus conselhos
Alguns delles em roda:
O Cordeiro innocente,
A Abelha artificiosa,
O leal Perdigueiro,
A sempre fiel Pomba,

O

O destro Pintasilgo,
A simples Mariposa,
O Cavallo obediente,
A Formiga engenhosa.
Mas daquelle auditorio,
Gram parte desdenhosa,
Offendida naõ póde
Soffrer tanta parola:
Eis-que o Tigre, e o Lobo
Contra o Censor s'enojaõ:
¡Que de injurias vomita
A Serpe venenosa!
Offendidos diziaõ,
Mofando em vozes roucas,
O Zangaõ, e a Vespa,
O Bisouro; e a Mosca.
Sahíraõ do concurso,
Sem ouvir suas glorias,
A Toupeira, o Milhafre,
A Cigarra damnosa;
A Foinha se encolhe,

Dissimula a Rapoza;
E o Macaco insolente
De todos elles zomba.
Estava o Elefante
Olhando com paxorra;
E o seu arrazoado
Concluio desta fórma:
A nenhum, mas a todos
Minha pratica toca:
Quem a sente se culpa,
E quem naõ, que a ouça.
Quem lêr as minhas fabulas,
Saiba tambem que todas
Fallaõ com mil Naçoens,
Naõ só com a Hespanhola:
Nem fallaõ destes tempos;
Porque defeitos notaõ.
Sempre os houve no mundo,
Como há tambem agora.
Como pois naõ criticaõ
Destinadas pessoas,

Se

Se alguem as applicar
Para si guarde a gloria.

FABULA II.

O Bicho da seda, e Aranha.

Trabalhando hum bixinho o seu casullo,
Huma Aranha vaidosa que alli estava,
Tecendo a sua têa, lhe fallava
Com hum riso picante, e com orgulho:
¿ Que diz da minha têa senhor Bicho?
A's dez a comecei, faço capricho,
Que acabada me fique ao meio dia.
Veja que fina vai, veja que bella!
E o Bixinho zombando respondia:
Senhora tem razaõ: assim sahe ella.
Temerarios seráõ os meus juizos;
Mas o mesmo direi dos improvisos.

FABULA III.

O Urso, o Macaco, e Porco.

Hum Urso com quem a vida
Ganhava hum Piamontez,
A muito mal aprendida
Dança, ensaiava em dous pés.

Todo teso, e presumido
Disse ao Macaco: Que tal?
Era o Macaco instruido,
E respondeo: Muito mal.

Replica o Urso: Eu creio
Me fazes pouco favor,
¿Que tem o meu ar de feio!
¿Que! Não danço com primor?

O Porco estava presente,
E disse: Bravo! bem feito!

Dan-

Dançador mais excellente,
Nunca o vi, nem mais perfeito.
Màs do louvor deſſe amigo
Naõ contente o Urſo, em fim,
Fez as contas lá comſigo,
E acabou dizendo aſſim:
Quando o Macaco mofava
Eu cheguei a duvidar:
Porém ſe o Porco me gaba
Mui mal devo de dançar.
Eſte piaõ de bom páo
Na unha tome hum Author:
Se o Sabio critíca, máo!
Se o neſcio applaude, peor!

FABULA IIII.

O Sapo, e o Mocho.

E Scondido no tronco d'hum carvalho
O Mocho estava hum dia;
E hum Sapo, que passou por alli perto,
Meio corpo lhe via.
Ah senhor solitario lá de cima!
(Disse o Sapo maldito)
A cabeça nos mostre; e então veremos
Se he feio, ou he bonito.
Naõ tenho presumpçaõ de ser formoso,
De dentro o Mocho disse:
E inda assim de mostrar-me claramente
Sempre evito a doudice;
Mas você que de dia vem brilhando,
Inchado, e presumido,

Naõ lhe fôra melhor tambem estar
¿ No buraco mettido ?
¡ Quam poucos dos que somos Escritores
Este Mocho attendemos !
Sempre damos á luz preste ou naõ preste ,
Tudo quanto escrevemos :
Quanto fôra melhor sepultar tudo ;
Mas vaons , e presumidos,
Mais gostamos de ser publicos Sapos,
Que Mochos escondidos.

FABULA V.

A FORMIGA, E A PULGA.

VEjo muitos que fazem tal eſtudo
Em nós dar a entender que ſabem tudo,
Q' ouvindo qualquer couſa, em verſo ou proſa,
Por mais nova que ſeja, e primoroſa,
Mui facil a ſuppoem, e mui vulgar,
E nada encontraõ digno de louvar.
Eſta caſta de gente
Naõ ſe m' ha de eſcapar ſem a eſporada,
E n'huma breve fabula corrente,
A c'rapuça lhe faço bem cortada:
Huma vez ſuccedeo, Leitor diſcreto,
Qu' eſtando a pulga infame vil nſecto
Ouvindo da formiga que contava,
O muito que o ſuſtento lhe cuſtava,

Como p'ra se abrigár minava o chaõ;
Que de tulha lhe serve, e habitaçaõ;
Como do campo os frutos conduzia,
E o trabalho entre as mais se repartia;
Outras mil cousas mais bem curiosas;
Que p'ra muitos seriaõ fabulosas,
Se diaria experiencia
As naõ acreditasse de evidencia.

À todas as razoens
A pulga respondia, só dizendo
Nada mais que as seguintes expressoens:
Sim ... bem sei ... já se sabe .. bem entendo,
Assim dizia eu ... isso está claro;
¿ Que maravilha he, que tem de raro?

Naõ soffrendo a Formiga tal sofice,
Do seu serio sahio, e á Pulga disse:
Pois minha rica amiga, eu lhe peço,
Que á minha casa venha; que careço,
Que em trabalho me ajude de proveito,
E sendo, como diz habil, e destra,
Que tudo facilita, e dá por feito

Ve-

Venha-nos pois moſtrar q̃ he grande meſtra.

A pulga, dando hum ſalto, faz-ſe á vella,
Dizendo ſem rebuço, e ſem vergonha:
¡ Vejaõ que bagatella !
? Tanto penſas tu que me cuſtaria ?
O ponto he que a faze-lo eu me ponha...
Mas tenho que fazer ... té outro dia.

FABULA VI.

O Burro flautista.

SAia bem ou mal,
Meſmo de repente,
Lembrou-me eſta fabula
Caſualmente.

D' huns verdes Prados
Junto á corrente,
Paſſava hum Burro
Caſualmente.

Alli hum Paſtor,
Que eſtava auſente
Deixára a flauta
Caſualmente.

Cheirou-a o Burro,
E de repente
Deu hum eſpirro
Caſualmente.

Movido o vento
Como he patente;
Tocou a flauta
Caſualmente.

Oh! Diſſe o Burro:
¡ Que bem ſei tocar!
E a muſica aſnal
Naõ ſe ha d' approvar?

Sem regras d' arte
Há muita gente
Que diz acertos
Caſualmente.

FA-

FABULA VII.

Os Papagayos, e a Arara.

DOus Papagayos trouxera
Huma curiosa Dama,
D' Ilha Hespanholla, e Franceza,
Que S. Domingos se chama.
Cada huma destas aves
Distinta lingua fallava,
E quem de perto as ouvia
Em Babilonia se achava.
De Francez, e Castelhano
Tal mistiforio faziaõ,
Que por fim das duas linguas
Nenhuma dellas sabiaõ.
O Francez do Hespanhol
Poucos termos lhe tomou,

Mas o Heſpanhol do Francez
Quaſi todos adoptou.
Separados os pozeraõ;
E o Francez reforma toda
A palavra, que aprendera
Da lingua, que naõ he moda;
Ao Heſpanhol pelo contrario
A gerigonça naõ lhe eſquece,
Antes penſa que com ella
A ſua lingua enriquece.
Pedio hum dia em Francez
Sopas, e arroz da panella,
E da janella defronte
Huma Arara bacharella,
Em gargalhadas de rizo
Eſcarnio delle fazia,
Reſpondeo-lhe elle ſómente
(Como quem faz zombaria)
Naõ és mais que huma *Puriſta*; (*)

(*) Voz de que modernamente ſe valem os Corruptores da noſſa lingua para rediculiſarem os que a fallaõ com pureza.

Nisso me faz muita honra.
Eis-aqui os Papagayos
O mesmo que as pessoas!

FABULA VIII.

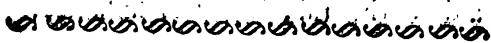
Os Ovos.

DAs Illhas Filippinas mais além
Ha huma, que naõ sei como se chama,
Nem me importa sabe-lo, onde há fama
Que nunca alli gallinhas vio alguem,
Até que hum Estrangeiro
Por acaso levou hum gallinheiro.
E a producçaõ por fim foi tal, que o prato
Mais commum, e barato,
Já era d'Ovos frescos; porém todos
Em agoa os aquentavaõ; que o Viajante
Tambem os naõ guizou por outros modos.

Que

Logo daquella terra hum habitante
Por moda introduzio ferem aſſados,
¡ Que elogios ſe ouvíraõ á porfia
Da ſua rara, e fecunda fanteſia!
Outro inventou faze-los affogados....
¡ Penſamento feliz!... Outro coze-los,
¡ Agora ſim que eſtaõ os ovos bellos!
Pouco tempo depois ſahíraõ fritos;
¡ Que applauſos lhe naõ deraõ infinitos!
Naõ bem ſe paſſa hum anno,
Quando outro ſahe dizendo, ſois orates,
Eu os farei de molho com tomates:
Mas a rara invençaõ deſte magano,
Com que a gente da Ilha ſe alborota,
Por muito tempo em moda naõ durou,
Que d'outro modo eſtranho os preparou
Hum famoſo Eſtrangeiro, á Hugonota.
Iſto fizeraõ varios cozinheiros:
¡ Mas depois que pratinhos delicados
Naõ fizeraõ tambem os confeiteiros!
Moles, reais, de fios, e queimados,

E até ¡ . . . Invençaõ rara !
De eſcaveche, e compota outro os prepara,
E por fim todos eraõ inventores,
E os ultimos guizados os melhores:
Mas hum douto Anciaõ
Lhes diſſe hum dia: Preſumiz em vaõ
Deſtas composiçoens, artes meſquinhas!
¡ Graças a quem trouxe aqui Gallinhas!
Tantos Autores novos
Naõ lhe fôra melhor hir guizar ovos
Cem legoas mais além das Felipinas?

FA-

FABULA IX.

O Sino grande, e a Garrida.

EM certa Cathedral hum grande sino havia
Que sómente tocava algum solemne dia
Com pausado compasso, com som mui vehemẽte
Sinco ou seis badeladas dava unicamente,
E assim por ser tambem d'extraordinaria marca
Celebrado foi sempre naquella Comarca,
E daquella Cidade naõ muito apartado
Hum lugarejo havia pouco povoado,
Cuja Parochial foi sempre huma Igregita,
Que tinha hum campanario a modo de guarita,
E huma velha sineta, que delle pendia
Era a que o principal papel alli fazia

E p'ra que esta sineta tenha semelhança
Com a da Cathedral, dispoz avisinhança,
Que pauzado, e mui pouco a sineta ditosa
Se tocasse sómente em funçaõ estrondosa:
Na gente pôde tanto aquelle desatino,
Que a sineta passou alli por grande sino,
Nem he pará admirar; visto que a gravidade
Tambem em muitos passa por capacidade:
Raras vezes se dignaõ despegar os labios
Pensando que com isto passaraõ por sabios.

FABULA X.

A Abeilha, e o Cuco.

Disse ao Cuco a Abelha hum dia;
Naõ te posso ouvir cantar;
Porque tua voz molesta
Naõ me deixa trabalhar.

Há aves fastidiosas;
Mas nenhuma como tu,
Dizes sempre a mesma cousa,
Cucú, cucú, e cucú.

¿ Criminas meu canto igual?
Pois comtigo agora eu ralho,
¿ Que mudança fazes tu
No teu continuo trabalho?

Estamos por certo iguaes,
Eu, e tu por tudo, e em tudo,

Tu naõ inventas de novo
Eu do velho nada mudo.
A Abelha responde entaõ
Com ſoberba, e mageſtade:
O meu trabalho he taõ util
Que naõ requer variedade.
Mas em obras deſtinadas
Ao mero divertimento,
Se naõ fôr varia a invençaõ
Cauſaõ aborrecimento.

FABULA XI.

O Gato, o Lagarto, e o Grillo.

O Certo he que ha brutos mui ſcientificos
Em curar-ſe com varios eſpecificos,
Em conſervar a conſtrucçaõ organica,
Como deſtros que ſaõ em a botanica,
Pois conhecem as ervas diureticas
Catarticas, narcoticas, e emeticas;
Febrifugas, eſtipticas, prolificas,
Cefalicas tambem, e ſudorificas:
E niſto era mui pratico, e theorico
Hum Gato pedantiſſimo rhetorico,
Que em elevado eſtillo e enigmatico
Fallava qual chapado cathedratico.
Procurando eſte plantas ſalutiferas,
(Diſſe ao Lagarto) que ancias taõ mortiferas,

P.

P'ra curar as turgencias semidropicas !
Quero chupar as folhas heleotropicas :
Attonito o Lagarto com o exotico
De todo este preambolo estronbotico ,
Tanto entendeo a fraze macarronica
Como se fôra em lingua Babilonica ,
Notou porém que o Charlataõ ridiculo
De verde girasol enche o ventriculo ,
E lhe diz , já por fim , senhor Hidropico
Tenho entendido o que he summo heleotropico;
¿ E he bem q̃ hum Grillo ouvindo este dialogo
Naõ entendendo nada do catalogo
De termos taõ estranhos , e magnificos,
Désse ao Gato elogios honorificos ?
Sim que alguns a inchaçaõ a tem por merito ,
E o estilo corrente por demerito ;
Pois que os cegos amantes de hiperbolicas
Clausulas , metaforas diabolicas ,
De retumbantes vozes o deposito
Gastaõ , inda que saia hum despropósito ,
Caia sobre o seu 'stilo problematico
Este apologo exdruxolo, enigmatico.

FABULA XII.

A Ram, e a Ramzinha.

NUm rio que de Tejo o nome tinha
Fallava com a Ram, huma Ramzinha,
A folhagem louvando, e a espeçura
D'hum gran canavial, e sua verdura;
Mas logo que do vento
O impeto violento
Huma cana quebrando, ao chaõ a humilha,
Por modo deliçaõ, lhe disse a Ram,
Vem vê-la, minha filha,
¡ Por fóra toda liza, toda sã,
Por dentro toda oca, e toda vã !
Se esta Ram entendera de poesia
Tambem de muitos versos o diria.

FABULA XIII.

O Macaco vestido.

AUnque se vista de seda
La Mona, Mona se queda:
O Rifaõ o diz assim,
Eu tambem o digo a fim
De dar aos homens liçaõ
Em fabula, e em rifaõ.
De mil differentes pedaços
Qual costumaõ os Palhaços,
Se veste hum dia hum Macaco,
Eu supponho que ao velhaco
Seu Senhor o vestiria;
Porque difficil seria,
Que o Macaco se asseasse;
(O Rifaõ o diz, e passe)

Ven-

Vendo-se pois taõ chibante,
Da janella n'um instante
Salta ao telhado visinho,
E dalli toma o caminho
P'ra voltar a Tetuaõ:
Isto naõ diz o Rifaõ,
Porém consta d'huma historia,
De que apenas há memoria;
Pois o Auctor he mui raro,
E p'ra pôr o facto em claro
Naõ lhe custaria pouco.
Elle naõ soube, e eu taõ pouco
Tenho podido achar,
Se o Macaco foi por mar,
Ou se rodeou talvez
Pelo Isthmo de Sues;
O que a muitos constará
He, que por fim chegou lá.
Vio-se o Senhor a final
Entre a geraçaõ Monal,
Que toda núa encontrou;

Cada qual logo ſaudou
Taõ diſtinta perſonagem,
E admirados do traje,
Suppozeraõ que ſeria
De muita ſabedoria,
De engenho, e tino mental
O petimetre animal.

Conſultaõ no meſmo inſtante;
E nemine diſcrepante
Votaõ que ao tal capitaõ
Se lhe entregue a direcçaõ
D' huma grande correria,
Com que buſcar ſe devia
Naquelle paiz taõ vaſto
A proviſaõ para o gaſto
Daquella tropa infinita;
(¡ O que he ter roupa bonita!)

Logo o director marchando
C' os batalhoens de ſeu mando,
Errou a eſtrada o mofino,
E o que he mais, perde o tino,

E ſeus neſcios companheiros
Atraveçando atoleiros,
Rios, ſerras eſçarpadas,
Deſertos, brenhas cerradas,
Já por fim nenhum ſabia
Por onde voltar devia,
Sendo que na ſua vida,
Já mais fizeraõ ſahida,
Em que foſſe o Commandante
Mais tezo, nem mais galante,
E viraõ por experiencia,
Que a roupa nunca deu ſciencia:
Mas ſem hir a Tetuaõ,
Tambem por cá ſe acharaõ;
Macacos que ſe veſtem de eſtudantes,
E haõ de ficar o meſmo que eraõ dantes.

FABULA XIV.

O Rato, e o Gato.

TEve Esopo lembranças mui famosas,
Que invençoens naturaes! que proveitosas
Sentenças nos deixou! se me lembrar
Huma fabula sua vou contar
Em claro Portuguez. Hum velho Rato
Comsigo assim dizia lá n'hum canto:
Naõ ha cousa mais bella, e estupenda
Do que a fidelidade; eis porque tanto
Amo o fiel Podengo. Mas hum gato,
Que o seu discurso ouvio, diz: Essa prenda
Eu a tenho tambem. O Rato presto
De hum salto se esconde,
E torcendo o focinho lhe responde,
Como? Tu?... Tal virtude já detesto:

E fugindo, ſe foi cheio de ſuſto.
A muitos, que o louvor julgavaõ juſto,
Já injuſto parece,
Se algum de ſeus contrarios o merece.
¿ Eſta fabula que tal, ſenhor Leitor?
Póde ſer que lhe agrade, que o inſtrua;
Acaſo a vio melhor? —
Diſſe Eſopo huma couſa como ſua. —
Pois Eſopo a naõ fez, ſenhor perito,
Sahio deſta cabeça — ¿ Pois he ſua? —
Sim, ſenhor Erudito,
Pois que a ſua invençaõ louvado tinha,
Agora ralhe della porque he minha.

FABULA XV.

Os dous Coelhos.

POr entre humas matas
Os galgos temendo,
Naõ digo corria,
Voava hum Coelho.
Sahio-lhe ao encontro
Hum ſeu companheiro,
¿ Amigo que he iſto ?
Começa dizendo.
Que ha de ſer (reſponde)
Sem alento chego,
Dous galgos malvados
Traz mim vem correndo.
Sim, (reſpond' o amigo)
Lá vem, eu os vejo ;

Po-

Porém naõ saõ galgos :
¿ Pois que saõ ?— podengos ,
Podengos ! Que dizes ?
Eu já sou mais velho,
Saõ malditos galgos,
Que bem visto os tenho—
Podengos te digo
Eu bem o entendo—
Saõ galgos , aposto—
Naõ saõ , saõ podengos :
Assim disputavaõ ,
Eis-que os galgos chegaõ,
Descuidados pihaõ
Os meus dous Coelhos.
Os que por questoens
De pouco momento
Deixaõ o que importa
Tomem este exemplo.

FABULA XVI.

A Cigarra, e o Boi.

LAvrando andava o Boi, e perto deste
A Cigarra cantando lhe dizia:
Ai! que rego taõ torto alli fizeste;
E o pachorrento Boi lhe respondia:
Se aquelle que foi torto conheceste
He porquê todo o mais hia direito;
Cala o bico palreira, e considera,
Que eu sirvo bem meu dono, e me tolera
Entre tantos acertos hum defeito.
¡Vejaõ quem fez, e a quem nota taõ futil!
Huma Cigarra ao animal mais util:
Mas se me entenderia...
Quem a culpar se atreve
Em obras grandes hum defeito leve?

FA-

FABULA XVII.

Os Zangoens, e a Abelha.

A Tractar d'hum graviſſimo negocio,
Juntáraõ-ſe os Zangoens hum certo dia,
Cada qual varios meios diſcorria
Para diſſimular o inutil ocio.
E a fim de ſe livrarem deſta nota,
Na preſença dos outros animaes,
Inda o mais preguiçoſo, e mais idiota
Fazer favos intenta, taes ou quaes.
Mas como o trabalhar lhes era duro,
E o enxame inexperto
Naõ eſtava ſeguro
De rematar a empreza com acerto,
Intentáraõ ſahir daquelle aperto
Com buſcar das colmeas a mais velha,

E tirar o cadaver d'huma Abelha,
Mui habil no seu tempo laboriosa,
E fazer-lhe c'o a pompa mais honrosa
Humas grandes exequias funeraes,
Susurrando elogios immortaes
De quanto habil hera
Em lavrar doce mel, e branca cera:
Com isto se louvavaõ taõ vaidosos,
Que lhe disse huma Abelha por despique,
¿ Nada mais trabalhais? Pois preguiçosos
Já mais igualará vosso zunido
A' huma gota de mel, que eu só fabrique.
Quantos passar por sabios tem querido
Só com citar os mortos que o tem sido,
Oh! é que pomposamente os citaõ;
Mas pergunto eu agora ¿ se os imitaõ?

FABULA XVIII.

O PATO, E A SERPENTE.

JUnto á margem de hum lago
Dizendo eſtava hum Pato,
A ninguem deo o Céo
Os dons que amim ha dado;
  Sou d'agoa, terra, e ár,
Quando de andar me canço
Se me parece vô-o,
E quando quero nado.
  Huma aſtuta Serpente
Que o eſtava eſcutando,
Com hum ſilvo lhe diſſe:
Naõ, naõ blazone tanto,
Pois inda que bazôfia,
Naõ anda como o Gamo,

Nem

Nem vôa qual Milhafre,
Nem nada como o Barbo;
Naõ he ſaber de tudo
O importante, e raro,
Saber bem huma couſa
Eis-aqui todo o caſo.

FABULA XIX.

O Macaco, e o Maramoteiro.

O Fidedigno Padre Valdecebro,
Que em diſcorrer hiſtorias d'animaes
Eſquentava o cerebro,
Pintando-os com ſeus pellos, e ſignaes;
Que em eſtilo elevado, e eloquente,
Do Unicornio prodigios conta muitos;
E tambem crê na Fenis a pés juntos;

Naõ

Naõ eſtou bem lembrado,
Se he no oitavo livro, ou ſe no nono,
Refere o caſo d' hum famoſo Mono.
Eſte pois que eminente
Era em habilidades, e ſervia
Hum gram Politiqueiro, quiz hum dia,
Em quanto ſeu bom amo eſtava auſente,
Convidar dos diverſos animaes
Seus amigos melhores,
A que vieſſem ſer expectadores
Das ſuas macaquices principaes.
Principia fazendo *amortecimo*,
Dançou depois na corda a volatina,
Com o ſalto mortal, e *la campana*,
Logo *o deſpenhadeiro*,
A *eſpatarrada*, voltas de carneiro,
E por fim o exercicio a Pruſſiana.
Deſtas, e d'outras graças fez alarde,
Mas o melhor faltava todavia;
Pois, fazendo o que ao Meſtre fazer via,
Offerecer-lhes penſou, para que a tarde

Mais completa lhes fosse, e a funçaõ plena.
Da magica a lanterna huma scena;
Logo que as attençoens do auditorio
Com hum preparatorio
Exordio consiliou, como he usado,
Traz da maquina se poz muito entonado,
E durante o manejo
De seus vidros pintados,
Mui faceis de mover p'ra'mbos os lados,
As diversas figuras
Hia explicando com loquaz despejo,
Estava o quarto as escuras,
Qual se requer em casos similhantes,
E bem que os circumstantes
Observavaõ attentos,
Divisar naõ podiaõ os portentos,
Que com tanta parola, e grave tom,
Annunciava o Mono charlataõ:
Todos se confundiaõ, suspeitando
Que o Macaco lograva a toda a gente,
Elle estava corrido, eis senaõ quando

En-

Entrou o meſtre Pedro de repente,
E informado do caſo, entre rizonho,
E ſevero lhe diz : Bruto enfadonho,
¿De que ſerve eſſa charla ſempiterna
Se apagada deixaſtes a lanterna?

Perdoai-me ſubtis, e altas Muſas
Que vaidade fazeis de ſer confuſas,
Poderia eu dizer com mais deſtreza,
Que tudo falta, ſe naõ há clareza.

FABULA XX.

A Aguia, e o Leaõ.

A Aguia, e mais o Leaõ
Grãm conferencia tiveraõ,
Para entre ſi regular
Certos pontos de governo.

Fez a Aguia muitas queixas

Do vil Morcego, dizendo „
¿ Até quando este maldito
Inquietará o nosso Imperio?
  Com minhas aves se mette,
Dizendo : Eu vos pertenço :
Para prova, alçando o vô-o,
Lhe diz : Tambem azas tenho.
  Porém diz, se lhe parece:
Biço naõ, focinho tenho,
¿ Como ave quereis tractarme ?
Sou quadrupe, e tenho pello:
  Com meus Vassallos murmura
Dos animaes do teu Reino,
E, quando vive com elles,
He contra os meus o primeiro „
  Está bem, disse o Leaõ,
Eu juro que em meus Imperios
Naõ entre mais : Pois nos meus
(Respondeo a Aguia) menos.
E desde entaõ solitario
Sómente de noite o vemos,

Pois

Pois volateis, e quadrupes
Naõ querem tal companheiro.
Ah! Morcegos literatos,
¿Que fazeis a pena, e pello?
Se quereis viver com todos,
Vinde ver-vos neste espelho.

FABULA XXI.

A Coruja.

COBardes saõ, saõ traidores
Os que esperaõ com pachorra
Que o infeliz Auctor morra,
Para serem seus censores
Sem que algum risco lhes corra.
Hum breve caso a este intento
Contava huma minha tia,

Que a noturna Curuja hum dia;
Entrára em certo Convento:
(Minto, de noite seria.)
  Foi de certo estando o Sol
Já muito longe do occaso,
E achou d'azeite raso
Hum candieiro, ou farol,
Que vale o mesmo p'ra o caso.
  Mas ella que a luz temera,
Ca de longe a considera;
E exclama: com que deleite
Te chupara todo o azeite.
Se tua luz naõ me offendera.
  Tiras-me agora o vallor;
Porque estás bem atiçada:
Mas se te encontro apagada,
Terei entaõ sem temor
Huma exellente fartada.

FABULA XXII.

A Espada, e o Espeto.

Servio em mil combates huma espada,
Lisa, fina, cortante, bem temp'rada,
A mais famosa, que já mais foi vista
Do mais insigne Toletano Artista.
Por maõ de muitos donos tinha andado,
A quem nos lancês sempre houvera honrado;
Vendeu-se em trinta adelas differentes,
Até que por estranhos accidentes,
Já esquecido jazia o aço duro
D'huma pobre Estalage ao canto escuro,
E qual inutil traste desprezada,
Ferrugenta se poz: Huma criada
Por mandado do meu 'stalejadeiro,
Que devia de ser hum malhadeiro,

Hu-

Huma noite a levou para a cozinha,
E atraveſſando com ella huma gallinha,
¡Hei-la feita eſpeto a torto, e direito,
A que eſpada já foi d'honra, e proveito!
Em quanto iſto paſſava na pouſada,
Na Cidade comprar quiz huma eſpada
Certo recem-chegado foraſteiro,
De boçal transformado em Cavalheiro;
E o eſpadeiro vendo, que ao preſente
Serve a eſpada d'adorno taõ ſómente,
E que paſſa por boa qualquer folha,
Sendo da moda o punho, que ſe eſcolha,
Diſſe-lhe que tornaſſe ao outro dia,
E hum velho eſpeto, que na caſa havia
N'um inſtante deváſta, e aſacala,
E por eſpada de Thomás de Ayala
A o pobre do boçal, que naõ entende
De compra ſimilhante, encaxa, e vende,
E taõ velhaco foi o eſpadeiro,
Como foi tolo o meu Malejadeiro:
¿Mas de igual ignorancia, e picardia,

Noſſa

Nóssa naçaõ queixar-se naõ devia
Dos Traductores contra o fatal bando,
Que nos vaõ com seus escritos infestando?
Muitos traduzem obras celebradas,
E em espetos convertem as espadas,
Outros há que traduzem máos folhetos,
E vendem por espadas os espetos.

FABULA XXIII.

Os dous Gallos, e o Frango.

Hum Gallo presumido
De lutador valente,
E hum frango já crescido,
Naõ sei porque accidente
Entráraõ ás razoens, e acaba o caso
A força d'unha, e bico tudo razo;

Te-

Teve o Frango tal manha,
Que ao Gallo sacudio mui lindamente,
E por sua ficou tod' a campanha;
O vencido Sultaõ sahe do conflicto,
Dizendo, quando o Frango já naõ via:
Naõ será com o tempo máo Gallito,
Mas o triste he criança todavia:
Com tal frango depois naõ quiz mais nada;
Mas outra vez naõ sei porque embrulhada,
Brigando com hum Gallo veterano,
Guerreiro muito ufano,
Nem pennas, nem a crista já trazia;
E sahindo da festa inda dizia:
Se naõ fôra attender q̃ he velho Gallo....
Porém tontea já, devo deixa-lo.
 Quem se vir em contenda,
Verbi gracia de assumpto literario,
Aos annos naõ attenda,
Mas ao talento só do seu contrario.

FA-

FABULA XXIV.

O PAVAŐ, E O CORVO.

POis como digo he o caſo,
(Ora vá de conto)
Que a voar ſe deſafiaő
O Pavaő, e o Corvo;
A' baliza ſinalada
Qual chegou mais prompto
Conſidere-o quem d'ambos
Tenha viſto o vôo.
Eſpera diſſe o Pavaő
De longe ao Corvo,
Sabes tu que és muito negro,
Feio, e hediondo.
Eſcuta, tambem reparo,
Grita em tom mais rouco,

Que és hum negro passárao
De mui máo agouro.

Vai-te embora, tenho nojo
De ti que és hum porco,
Pois tens por muito regallo
Comer corpos mortos.

Tudo isso nao vem ao caso,
Lhe responde o Corvo:
Que aqui sómente tractamos
De vêr que tal vôo.

Quando nas obras d'hum sabio
Nao acha defeitos
Contra a propria pessoa
Invectiva o nescio.

FABULA XXV.

O VIAJANTE, E A MULLA.

FArta de palha, e cevada
Huma mulla de aluguer
Sahia d'huma pousada,
E tanto entrou a correr,
Que apenas o caminhante
Tem forças para a deter.
Pensava que n'um instante
Meia jornada faria,
Porém logo mais adiante
A Mulla ¡ Quem tal diria !
Retardando hia o passo,
¿ Se será velhacaria ?
Arre... tu paras.., acaso
Mettendo-te a espora... nada...

Eu muito temo hum fracasso,
Esta vara que he delgada...
Menos... pois este aguilhaõ...
¿ Acaso estarás cançada?
Couces tira... que afflicaõ!
Temo que em terra me deite...
Ao chaõ vou sem remissaõ:
    Inda que as redeas lhe estreite,
He peor... valhaõ-te cem...
Barrabas que te sujeite...
    Cahiste em terra... está bem,
¿ Eras tu a que corrias?
Má mormo te dê amen;
    Naõ me fiarei em meus dias
De mula que entre fazendo
Similhantes valentias.
    Depois deste lance em vendo,
Que hum Auctor tem começado
Em alto estillo escrevendo,
    Logo lhe digo: cuidado,
Tem-te homem; que te has de vêr

No

No miseravel estado
Desta Mula de aluguer.

FABULA XXVI.

O Petimetre, e a Dama.

Certo Galan a quem Pariz acclama,
Por Auctor comsummado em modas bellas,
Que sem se embaraçar com bagatellas,
O ouro, e prata sem temor derrama.
Quiz cellebrar os annos de huma Dama;
Estreando de estanho humas fivelas,
Para melhor provar c' o engano dellas,
Quanto seguro está da sua fama.
¡ Bella prata, que lustre taõ formoso!
Que viva (disse a Dama) o gosto, o nume
Do Petimetre em tudo primoroso.

E agora (digo eu) encha hum volume
De disparates hum Auctor famoso,
E se a gente o naõ louvar eu como lume.

FABULA XXVII.

O Avestrus, o Dromedario, a Rapoza, e outros animaes.

PAra passar o tempo se ajuntáraõ
Em assembléa mil animaes varios,
(Que os brutos tambem fazem assembléas)
¡ E que cousas aqui se naõ tocaraõ!
Fallou-se alli das prendas differentes,
De que cada animal era dotado.
Este a Formiga loúva, o Caõ aquèlle,
Estououtro a Abelha, qual o Papagayo.
Naõ (disse o Avestruz) no meu conceito

O

O mais bello animal he o Dromedario;
E o Dromedario disse: Eu confesso
Que só o Avestruz he que me agrada;
Ninguem adevinhou porque motivo
Hum gosto taõ estranho tinhaõ ambos,
¿ Será porque os dous saõ muito grandes?
Ou por terem compridos os pescoços,
Ou porque o Avestruz he hum pouco simples,
E naõ muito entendido o Dromedario?
Ou he porque saõ feios hum, e outro;
Ou porque ambos tem no peito hum callo?
Ou póde ser tambem ... naõ he por isso,
(Disse a Rapoza entaõ) já dei no caso,
Patricios ambos saõ, este he o motivo,
Porque alternadamente se louváraõ;
Barberiscos saõ ambos com effeito,
E naõ foraõ naõ taõ insensatos
Da Rapoza os juizos, que naõ possa
Outro tanto dizer dos literatos.

FABULA XXVIII.

O LEAŐ, E OUTROS ANIMAES.

A Tençaő nobre auditorio,
Que o bandolim afinado
Já tenho, e haő de goſtar
Da cantiga que lhes canto:
Em a Corte do Leaő,
No bom dia de ſeus annos,
Entre huns poucos de animaes
Hum ſeraő foi concertado.
E para dar-lhe principio
Com o devido apparato,
Creraő que huma Academia
De muſica era do caſo.
Como niſto de eſcolher
Os papeis bem adequados,

Naő

Naõ ſe tem todas as vezes
O acerto neceſſario.
Eſqueceu-lhe o Roxinol,
Do Melro, naõ ſe lembráraõ,
Nem ſe tractou de Calhandra
Pintaſilgo, nem Canario.
Cantores de menos arte,
(Porém mais determinados)
Se offrecêraõ a tomar
O paſſatempo a ſeu cargo.
Em quanto a hora naõ chega
Do cantico preparado,
Cada muſico dizia:
V'omeces veraõ que guapo.
E em fim a capella junta,
Apreſentou-ſe no eſtrado,
Compoſta deſtes ſeguintes
Deſtriſſimos operarios.
Os tiples eraõ dous grillos,
Rã, e cigarra contraltos,
Dous bizouros os tenores,

O Porco , e o Burro , baſſos.
¡ Com que agradavel cadencia,
Com que aſſento delicado
A muſica ſoaria !
Naõ he miſter pondera-lo.
Baſta ſó dizer , que os mais
Os ſeus ouvidos tapando ,
Em attençaõ ao Leaõ
A peta diſſimuláraõ.
Mas a Rã bem conheceo
Nos ſemblantes carregados ,
Que haviaõ de ſer mui poucas
As palmadas , e os bravos.
Sahio-ſe do coro , e diſſe :
¡ Como deſafina o aſno !
(Mas eſte replica) os tiples
He que eſtaõ deſafinados ;
Quem deita tudo a perder
(Acode hum Grillo xiando)
He o Porco . . . devagar . . .
(Lhe reſpondeo o ſevado)

Nin-

Ninguem desafina mais
Do que a Cigarra contralto;
Tenha modo, e falle bem,
(Salta a Cigarra) isso he falso,
Esses Bizouros tenores
Saõ os auctores do damno.
Corta o Leaõ a disputa
Dizendo: andai velhacos,
¿Antes de cantar a solfa
Naõ a estaveis celebrando?
Cada qual só para si
Pertendia os applausos,
Julgando se deveria
Todo o acerto a seu canto;
Porém vendo que o concerto
He hum inferno abbreviado,
Já ninguem quer parte nelle,
E aos companheiros faz cargos;
Já mais na minha presença
Apareçais; retirai-vos;
Que se outra vez cantar vindes,

Juſto que vos cuſte caro.
  Ah! ſe permittira o Céo
Que ſuccedera outro tanto,
Quando trabalhando juntos
Tres eſcriptores, ou quatro,
  Cada qual pertende a gloria,
Se he bom o livro, ou mediano;
Porém ſe he máo, toda a culpa
Imputa aos aſſociados.

FABULA XXIX.

O Cha', e a Salva.

Hum dia, que Dôm Chá da India vinha,
C'o a Salva ſe encontrou, além da linha,
Aonde vaz? (diſſe a Salva) O'lá compadre —
A Europa vou comadre,
Onde ſei que me compraõ por bom preço —

E eu (respondeo a Salva) vou a China ,
Que ahi com summo apreço ,
Me recebem por gosto , e medicina :
Lá na Europa me tractaõ de selvagem ,
E já mais pude fazer fortuna alguma—
Ora pois vai com Deos— Tu na viagem
Certo naõ perderás ; pois que nenhuma
Naçaõ deixa de ao genero estrangeiro
Com gosto dar applausos , e dinheiro :
Mas perdoe-me a Salva ; o seu juizo
Faz ao Commercio grande prejuizo ;
Se falla do Commercio literario
Eu naõ defenderei nunca o contrario ;
Pois nelle para muitos he hum vicio
Aquillo, que em geral he beneficio :
Tal Portuguez de cór recitaria
De Boileau , e de Tasso a obra inteira ,
E naõ sabe em que lingua todavia
Compoz Camoens , Bernardes , e Ferreira.

FA-

FABULA XXX.

A CRIADA COM A VASSOURA.

CErta criada varrendo a casa hum dia,
C' huma velha vassoura, entre mil queixas,
Renego-te eu vassoura (lhe dizia)
C'o a porquice, e pedaços que tu deixas
Por onde vas,
Em lugar de varrer mais sujarás;
Remendoens, que suppostos correctores,
Pensando corrigir obras alheias,
De mais erros as deixaõ talvez cheas:
Porém má hora que eu a taes senhores
Lhes diga nada,
Que lho diga por mim a tal criada.

FABULA XXXI.

O Gallo, o, Porco, e o Cordeiro.

HAvia n'hum curral hum gallinheiro,
E neste gallinheiro hum gallo havia,
Por de traz do curral em hum xiqueiro
Hum sevado gordissimo jazia.
Item alli se criava hum Cordeiro,
Todos elles em boa companhia,
¿E quem ignora que estes animaes
Costumaõ viver juntos nos curraes?

(Com perdaõ de V'omeces) o tal cochino
Disse hum dia ao Cordeiro ¡ Que agradavel,
Que feliz, que pacifico destino
He podêr dormir bem ¡ Que saudavel !
Eu assento que o mais he desatino,
Pois naõ há nesta vida miseravel

Go-

Gosto, como estender-se á mariolla,
Roncar bem, e deixar correr a bola.
O Gallo porém disse ao tal Cordeiro
Em outra occasiaõ: Olha innocente,
Para lograr saude, e andar ligeiro,
He preciso dormir mui parcamente;
O levantar em Julho, e em Fevereiro,
Com estrellas, he methodo prudente;
Que o somno torna torpes os sentidos,
Os corpos deixa frouxos, e abatidos.
Confuso vacilando a baixa a orelha
O simples Cordeirinho, e naõ atina,
Que qualquer dos amigos lhe aconselha,
Aquillo taõ sómente a que se inclina.
Pois cá entre os Auctores he mui velha
A manha de propôr, como doutrina,
E grande regra, a que nos sujeitamos,
O que nas nossas obras practicamos.

FABULA XXXII.

A RENDEIRA, E O FABRICANTE DE GALOENS.

HUma rendeira vivia
Perto d' hum fabricante de galoens,
Visinha, quem diria!
(Lhe disse) Que vallessem mais dobroens
De renda quatro varas,
Que dez do meu galaõ; saõ muito caras!
De que á tua fazenda
(Respondeo ella entaõ ao tal visinho)
Exceda a minha renda,
Tecendo tu em ouro, e eu em linho,
Naõ deves espantar-te,
Pois mais do que a materia valle a arte.
Aquelle que do 'stillo se separa,

E ao ſentido das couſas ſó attende;
Saiba, que ſe mais cara,
Do que o nobre metal, linha ſe vende,
Tambem tem a elegancia
O valor principal ſobre a ſubſtancia.

FABULA XXXIII.

O Macaco, e a Pega.

C'huma Mona
Mui velhaca
Certa Pega:
Aſſim palrava:
Se em meu quarto
Tu entráras,
¡ Quantas couſas
Te moſtrára!

Tu

Tu bem ſabes
Com que manha
Roubo, e guardo
Mil alfaias;
Se tu queres
Ve-las, anda,
Eu tas moſtro
Traz da caixa.
Diſſe a Mona:
Va de graça,
E ao quarto
A acompanha:
Dona Pega
Eis-que a raſta
Huma liga
Encarnada,
Hum alamar
De cazaca,
Hum didal,
Duas medalhas,
A ponteira

 De

D' huma eſpada,
Meio pente,
E huma garía,
A bainha
De huma faca,
Hum máo cabo
De navalha,
Tres cravelhas
De Guitarra,
E outras tantas
Trapalhadas.
¡Que tal! lhe diz:
Diga mana?
Naõ me inveja?
Naõ ſe paſma?
Outra ave
Deſta caſta
Em riqueza
Naõ me iguala.
Noſſa Mona
A olhava

Com

Com hum geſto
De velhaca,
E reſponde;
Patarata!
Tens juntado
Lindas gallas.
Aqui tens
Quem te ganha,
Porque he util
O que guarda;
Olha tu,
Nas queixadas,
Tenho buxos,
Ou papadas,
Que ſe encolhem,
E ſe alargaõ;
Como aquillo,
Que me baſta,
E o ſobejo
Guardo em ambas,
Para quando

Te-

Tenha falta.
  Tu amontoas,
Mentecapta,
Cousas velhas
Trapalhadas.
  Mas eu nozes,
E castanhas,
Doces, carne,
E outras tantas
Provisoens
Necessarias.
  E esta Mona
Mui malvada,
Com a Pega
Assim fallava;
  Mas parece
Que mais falla,
Com alguns,
Que fazem galla
De confusas
Miscelanias,

E ferragem
Sem ſubſtancia.

. . . .

. . . .

FABULA XXXIV.

O Tordo, e a Pega.

VEndo o Tordo fallar hum Papagayo,
Quiz q̃ eſte, e naõ o homem o enſinaſſe;
E com hum ſó enſaio,
Como ſe deſtramente já fallaſſe,
Em varias occaſioens
A huma viſinha Pega deo liçoens;
E taõ deſtra ſahio a minha Pega,
Como quem a eſtudar o tempo emprega
Por copias, e mal feitas Traducçoens.

FABULA XXXV.

A Cabra, e o Potro.

Estando certa Cabra attentamente
Largo tempo eſcutando
Da ſonora Rabeca o ecco brando,
As pernas lhe dançavaõ de contente;
E a hum Potro que tambem quaſi ſuſpenſo
Se eſquecia do penſo,
Lhe diſſe em baixa voz eſtas palavras:
¿ Ouves daquellas cordas a harmonia?
Pois ſabe que ſaõ tripas d' humas cabras,
Com quem fiz n'outro tempo companhia,
E eſpero da fortuna que algum dia,
Naõ menos doces trinos
Tambem haõ de fazer meus inteſtinos.
Voltou-ſe o bom Rocim, e replicou;

Eſſas

Essas cordas que dizes saõ suaves,
Porque as sedas as ferem, como sabes,
Que o musico do rabo me arrancou,
Custoú-me alguma dôr, e algum desgosto,
Mas por fim tenho o gosto,
Dever que o luzimento
A meu auxillio deve esse instrumento;
Este prazer que em vida me transporta ,
¿ Quando o lograrás tu ? Depois de morta.
Assim o máo Auctor, porque em vida
Sua obra naõ vio inda applaudida,
A' idade posterior tem appellado,
E vive na esperança consolado.

FABULA XXXVI.

O Tomilho, e a Parietaria.

Eu li, mas naõ sei onde, q̃ na lingua herbolaria
Saudando ao Tomilho a herva Parietaria;
Por escarneo lhe disse, com voz muito sentida;
Deos te guarde, Tomilho; de vêr-te'stou condoida,
Que inda q̃ mais fragante que todas estas plantas,
Apenas meio palmo da terra te levantas:
Amiga, sou pequeno, porém bem vês que cresço
Sem q̃ alguem me soccorra; de ti me compadeço,
Pois por mais q̃ presumas, já mais podes medrar
Sem que te vas primeiro á parede encostar.
E quando eu vejo alguns q̃ d'outros escriptores
A'sombra se recolhem, e pensaõ ser auctores,
Fazendo quatro notas, hum prologo compondo,
Co' a fraze do Tomilho a todos lhe respondo.

FA-

FABULA XXVII.

O GUARDA SOL, OS MANGUITOS, E O LEQUE.

SE querer ſaber de tudo
He ridicula preſumpçaõ;
Servir ſó para huma couſa
He defeito naõ menor.
Hum dia ſobre huma meſa,
Eſtava de converſaçaõ
Com hum leque e huns manguitos
O chapeo de chuva, ou ſol.
E na lingua em que a panella
Com a caldeira fallou,
Aos dous companheiros diſſe:
¡ Que lindos traſtes vós ſois!
Manguitos ſervem de inverno,
Saõ inuteis no veraõ;

Tu

Tu leque de nada ſerves
Logo que paſſa o calor.
De mim diverſos officios
Apprendei apezar voſſo,
De inverno ſou guardachuva,
E de veraõ guardaſol.

FABULA XXXVIII.

O Periquito.

Hum Prequito matizado
Da janella vio hum dia
A' hum villaõ esfarrapado,
Que Saboiano ſeria,
A' quem dinheiro lhe dava
O eſtrangeiro magano.
Por couſa rara moſtrava
Hum Marmote Saboiano.

Sahio

Sahia de hum caixaõzinho
Eſte ridiculo bicho,
E de cima o Paſſarinho
Exclamou (¡ raro capricho!

¡ Que ſendo tu feio ahi
Dinheiro por ver-te dem,
Quando eu bonito aqui,
Todos de graça me vêm!

Póde ſer naõ obſtante....
Sejas precioſo animal....
Mas naõ: he prova baſtante
O ſaber eu que és venal.

Ouvio iſto hum máo Auctor,
E ficou envergonhado;
¿ Porque?... Porque hum impreſſor
O trazia a ſoldadado.

FABULA XXXIX.

O Rouxinol, e o Pardal.

DO Realejo o ſom ſeguindo hum dia
Tomava o Rouxinol lição de canto,
E á gaiola chegando-ſe entre tanto,
O Pardal chilrador aſſim dizia:
¡ Muito eſtranho viſinho!
De ver que deſſe modo em novo eſtudo,
Sendo tú taõ prendado,
D'hum diſcipulo teu és enſinado;
Pois quanto tocar ſabe o Orgaõzinho
Ati ſe deve tudo.
Apezar diſſo (o Rouxinol replica)
Se de mim aprendeo, eu delle aprendo,
A imitar meus caprichos ſe applica,
E aſſim eu os emendo

Su-

Sujeitando-me á arte que elle ensina;
E depressa verás quanto se adianta,
Todo o Rouxinol que com arte canta.
¡ De aprender se dedina
O Literato grave!
Pois mais deve estudar, o que mais sabe.

FABULA XL.

Os QUATRO TOLHIDOS.

HUm mudo *a nativitate*,
Mais surdo que hum tapamento,
Veio tractar com hum cego
Cousas de pouco momento.
O cego por muitas senhas,
Com o mudo se explicava,
O mudo fez-lhe outras tantas,
Mas o cego jejuava.

Neſte aperto foi o mudo
Procurar a huma praça
Hum ſeu grande camarada,
Que era manco por deſgraça.
Eſte entaõ do mudo as ſenhas,
Com palavras trasladava,
E o cego por eſte meio
Do negocio ſe inteirava.
E reſulta finalmente
Deſta rara extravagancia,
Q' era preciſo eſcrever
Huma carta de importancia.
Companheiros diſſe o manco,
Eu fazer tanto naõ poſſo,
Mas eſcrevê-la virá
O *domine* amigo noſſo;
¡ Como ha de vir, diſſe o cego,
Se he coxo, e naõ póde andar!
Será preciſo que o vamos
A ſua caſa buſcar.

Aſſim fizeraõ, e em fim
Cego; e manco ditaõ tudo
Eſcreveo a carta o coxo,
E a levá-la parte o mudo.
Para eſte dito aſſumpto
Dous ſujeitos ſobejavaõ,
Mas como elles eraõ taes
Todos quatro naõ baſtavaõ.
E a naõ ſer que há pouco tempo
Que na Cidade da Corunha
Aconteceo eſte caſo,
De que há muita teſtemunha;
Bem podia ſuſpeitar-ſe
Que com malicia o diſſeſſe
Para pintar bem ao vivo
O que de facto acontece.
Quando ſe junta em conſelho
Muita gente literata,
Trabalhaõ todos compondo
Huma grande patarata.

FABULA XLI.

Os dous Tordos.

VElho Tordo, certo dia,
Cheio d'annos, e prudencia
A seu neto persuadia
Rapaz de pouca experiencia.
Anda rapaz, lhe dizia:
Anda vai com preferencia
A huma vinha de uvas bellas,
E o papinho enche dellas.
¿Essa vinha onde está?
Lhe pergunta o rapazinho:
Que fruta he a que dá?
Disse o velho: Coitadinho!
Tens hum banquete, vem cá,
E aprende a viver pobrinho,

Naõ

Naõ bem o dissera, quando
As uvas lhe foi mostrando.
E ao ve-las disse o rapaz:
He esta a fruta gabada
Por hum Tordo taõ sagaz?
¡ Que pequena, e mal medrada!
Voltemos que he incapaz,
Naõ presta, naõ valle nada,
Eu tenho fruta maior
Em hum quintal, e melhor.
Vejamos, diz o anciaõ:
Inda que, mais valerá
Destas uvas hum só graõ:
Eis-que ao quintal chegaõ já,
Disse o joven tolleiraõ:
Que bella fruta! hei-la cá,
Que grande, e de bella traça;
E que era? huma cabaça.
De que caha naõ me assanho
Neste engano o Tordo estulto;
¡ Porém acho mui estranho

Que hum homem tido por culto
Eſtime pelo tamanho,
Os livros, e pelo vulto:
Grande he, ſe he boa a obra,
Porém ſe he má toda ſobra.

FABULA XLII.

O Jardineiro, e seu amo.

EM hum Jardim de flores
Huma grande fonte havia,
Cujo tanque a mil peixes
De eſpaçoſo viveiro lhe ſervia.
Unicamente á rega
Attende o Jardineiro,
De tal ſorte que ás vezes
Sem agoa fica o peixe no viveiro.

Lo-

Vio ſeu amo a deſordem,
Logo o foi reprehender,
Pois inda que quer flores,
Regalar-ſe com peixes tambem quer;
E o rude Jardineiro
Porque prompto obedeça,
Das plantas já naõ cuida,
Para que d'agoa o tanque naõ careça.
Paſſados alguns dias
Volta o amo ao Jardim,
E achando as flores ſeccas,
Com roſto carregado diz aſſim:
Homem, naõ regues tanto,
Que fiquemos ſem peixes,
Nem trates delles tanto,
Que ſem flores tambem, bruto, me deixes.
Bem que he maxima velha
Repita-ſe a verdade:
Se queres acertar,
Une com o deleite a utilidade.

FA-

FABULA XLIII.

O Fuzil, e a Pederneira.

Contra o fuzil certo dia
Arma a pederneira querella;
Pois para tirar fogo della
Muito a miudo a feria:
Entre a mutua gritaria
Disse ao fuzil: pois em fim
Vai-te com Deos: Hirei sim;
Mas tu sem mim de que valles? —
Ora he melhor que te calles,
E que valles tu sem mim.

Neste exemplo material
Deve o Auctor considerar,
Para o estudo ajuntar
Ao talento natural.

Naõ dá lume o pedernal
Se do fuzil falta a acçaõ;
Nem farás composiçaõ
Brilhante, faltando a arte,
Se obra cada qual á parte
Ambos inuteis seraõ.

FABULA XLIV.

O LADRAÕ.

PRenderaõ por fortuna a hum bandoleiro,
A tempo justamente,
Que da vida, e dinheiro
Estava despojando a hum innocente;
Fez-lhe cargo o Juiz do seu delicto,
E elle tornou: senhor des pequenito
Fui hum gato feliz em ratarias,
Capotes roubei logo, e mais fivelas,

Es-

Eſpadins, e mais outras bagatelas,
Porém ſendo já mais entrado em dias,
Mil caſas eſcalei, dei mil facadas,
E hoje ſou ſalteador deſtas eſtradas,
E aſſim V. Senhoria naõ ſe eſpante,
Que agora roube, e mate a hum caminhante,
Pois eſtes, e outros damnos
Os eſtou eu fazendo ha quarent' annos;
¡ Ao Bandoleiro culpaõ!
Pois por ventura daõ melhor ſahida
Aquelles que deſculpaõ,
Nas letras o ſeu erro, o ſeu máo goſto,
A practica allegando envelhecida
Contra o dictame que a razaõ tem poſto.

FA-

FABULA XLV.

O NATURALISTA, E A SARDONICA.

VIo n'uma horta
Duas ſardonicas
Certo curioſo
Naturaliſta.

Pilhou-as ambas,
E mal as pilha,
Quer fazer nellas
Anatomia.

Logo eſcolhendo
A mais roliça,
Membro, por membro
Eis-que a trincha.

O Microſcopio
Logo lhe applica:
Pernas, e rabo,
Coſtellas, tripas,
Olhos, peſcoço,
Cabeça, e barriga,
Tudo ſepara,
E o examina.
Tomando a penna
De novo mira,
Eſcreve hum pouco,
Se certifica.
Seus borradores
Depois regiſta:
Tornando a meſma
Carniceria,
Aos curioſos
Da ſua pandilha,
Que entrárao a vêr
Da-lhes noticia:

Per-

Do que obſervaõ,
Huns ſe admiraõ,
Outros perguntaõ,
Outros duvidaõ.
Finalizada
A anatomia,
Canſou-ſe o ſabio
De ſardonicas;
Soltando a outra
Que eſtava viva,
Eſta voltou,
A's ſuas frinchas.
Onde fallando
Com as viſinhas
Todo o ſucceſſo
Lhes participa.
Naõ duvideis
Naõ, lhe dizia,
Eu meſma o vi,
¡ Quem tal diria!

Esteve o sabio
Todo hum dia,
O corpo vendo
Da nossa amiga.
¿ E há quem nos trate
De sevandijas ?
¡ Como soffremos
Tal injustiça !
Quando nós temos
Cousas taõ dignas
De contemplar-se,
E andar escriptas !
Nada de humildes
Nobre quadrilha,
Valemos muito
Por mais que digaõ.
¡ E admiramos
Porque se inchaõ
Certos Auctores
D'obras indignas !

Da-

Da-lhes muita honra
Quem os critica,
Antes deixa-los
Por vida minha,
Do que notar
Suas ninharias,
Pois fazer caſo
De ſardonicas
He dar motivo
A que repitaõ;
Valemos muito
Por mais que digaõ.

FABULA XLVI.

A DISCORDIA DOS RELOGIOS.

PAra hum banquete estavaõ convidados
Differentes amigos, mas hum delles,
Que ao tempo naõ chegando assignalado,
Chegou depois de todos, pertendia
Desculpar a tardança: ¿ que desculpa
Nos podes allegar? lhe replicáraõ:
Seu relogio tirou mostrando-o disse:
Naõ vem V. M.ces que venho a tempo,
Saõ as duas em ponto: disparate,
Responderaõ entaõ: o teu Relogio
Atraza bons tres quartos; mas amigos!
Exclamou o tardio convidado:
Que mais posso fazer que dar o texto;
O relogio aqui está, note o curioso;

Que

(Que era este cavalheiro como muitos ,
Que commettendo hum erro se desculpaõ ,
Co' aquella auctoridade que lhe occorre)
Tornando como digo á minha historia ;
Todos os circumstantes começaraõ
A tirar os relogios , em abono
Da sincera verdade , entaõ notaraõ ,
Que hum delles tinha hum quarto, aquelle meia,
Outro as duas , e vinte seis minutos ,
Este quatorze mais , outro dez menos ,
Dous relogios conformes naõ se acháraõ ;
Mil duvidas houveraõ , questoens muitas ;
Porém d'astronomia cabalmente
Era o dono da casa apaixonado ,
E logo consultando o infallivel ,
Por huma meridiana regulado ,
As tres sómente achou , e dous minutos ,
Com o qual logo poz fim a contenda ,
E concluio dizendo : meus senhores ,
Se contra saã verdade valer pensaõ
Citar opinioens , e auctoridades ,

Para tudo as há, mas por fortuna
Estas pódem ser muitas, e ella he huma.

FABULA XLVII.

Certos animalejos.

CErtos animalejos
Todos de quatro pés
Jogando a cabra cega
Andavaõ huma vez
O Caõsinho, a Rapoza,
E o Rato que saõ tres,
A Doninha, e a lebre,
E o Macaco saõ seis.
Este a todos vendava
Os olhos, porque he
O que melhor das maõs
Se sabia valler,

Ouve

Ouve a bulha a Toupeira,
E disse: pois bofé,
Que vou lá, e no jogo
Me hei de meter tambem.

Pede logo licença,
E o Macaco cortez
Lha outorga, porque della
Quer escarneo fazer.

A pobre a cada passo
Tropessava c'os pés,
Que os olhos tem cobertos
De todo com a pelle.

Logo á primeira volta,
(Bem como era de crer,)
Facilissimamente
Pilhaõ a sua mercê;

Fazer de cabra cega
Tocou-lhe a sua vez,
¿ E quem melhor podia
Fazer este papel?

Ella dissimulando,
Para bem parecer,
Pergunta: que fazemos?
Naõ me venda você?
¿ Se o que he cego e o sabe
Quer affectar que vê;
O que fôr idiota
Confessará que o he?

FABULA XLVIII.

A RAÃ, E A GALLINHA.

LA' do seu charco a palradora Raã
Ouvio cacarejar huma gallinha,
Apage, diz-lhe: quem pensára irmaã,
Que fosses taõ incommoda visinha!
¿ E com toda essa bulha que ha de novo?
Nada mais que dizer que ponho hum ovo;

Hu-

¡ Hum ovo taõ ſómente ! E alborotas tanto ?
Hum ovo taõ ſómente, ſim ſenhora.
¿ Diſſo te eſpantas, quando naõ me eſpanto
Ouvindo-te graſnar a toda a hora ?
Eu por ter algum preſtimo o publico,
Tu que de nada ſerves calla o bico.

FABULA XLIX.

O Rico, e o seu amigo.

HOuve hum rico em Madrid, e dizem q̃ era
Mais neſcio qne rico;
Cuja caſa magnifica adornavaõ
Moveis exquiſitos:
He pena que em vivenda taõ precioſa
(Lhe diſſe hum amigo)
Falte huma livraria, bello adorno,
Util, e preciſo:

Dizes bem, torna o rico: ¡ que essa idea
Naõ me tinha occorrido!
Inda estamos em tempo, aquella salla
A este fim destino:
Que venha o carpenteiro, e faça estantes
Com soberbos frizos,
A todo o custo, e logo tractaremos
De comprar livros;
Estantes já nós temos pois agora,
Disse o nescio rico:
¡ Cansar-me em procurar doze mil tomos
Naõ he máo exercicio!
He obra de cem annos! . . . seraõ caros! . .
Perderei o juizo . . . . !
¿ Mas naõ fora melhor faze-los todos
De papelaõ fingidos?
Sim senhor: porque naõ? para taes casos
Sei d' hum pintorzinho,
Que titulos escreve, e bem imita
Pasta, e pergaminho;
Pois maõs á obra: livros curiosos,

Modernos, e antigos
Mandou pintar, e além dos eſtampados
Varios manuſcriptos,
E o bemdito ſenhor repaſſou tanto
Seus tomos poſtiços,
Que decorando os titulos de varios
Julgou-ſe erudito.
¿Que mais precisa pois quem ſó eſtuda
Titulos de livros,
Se lhes podem ſervir da meſma ſorte
Sendo ſó fingidos?

FABULA L.

A VIBORA, E A SANGUESUGA.

A Sanguesuga disse á Vibora hum dia:
Inda que ambas picamos, hei notado
Que da tua boca o homem se confia,
E da minha anda sempre acautelado,
E a chupona responde: sim querida;
Mas naõ picamos ambas de huma sorte,
Eu picando os enfermos lhe dou vida,
E tu picando os saõs lhes das a morte.
Enxertemos agora huma sentença.
Todos censuraõ, sim, Leitor benigno:
Porém bofé que he muita a differença
D' hum censor util, a hum censor maligno.

FABULA LI.

O Escaravelho.

D'huma Fabula o aſſumpto tenho prompto,
Que podéra mui bem . . . ; porém ha dia
Em que a muſa naõ corre muito a ponto,
E da minha hoje ſoffro a rebeldia.
Deixo pois o aſſumpto a quem tiver
Mais deſperta do que eu a fantaſia,
Pois nas Fabulas ſempre ſe requer
Que occultes o trabalho circumſpecto,
O que nem ſempre ſahe como ſe quer.
He pois o Eſcaravelho vil inſecto
O grande Heroe da Fabula preclara,
Porque muito convem ſeja abjecto.
Deſte inſecto ſe diz por couſa rara,
Que ſendo o ſeu ſuſtento a porcaria

Da

Da rozeira na flor já mais picara.
Agora quem quizer, com energia
Explicar-nos pod'rá (e Deos o ajude)
Aquella extraordinaria antipatia.
Talvez que pouco tempo naõ estude
Para no fim metter huma advertencia
Com que entender se possa a que isto allude,
E como lhe dictar sua prudencia,
Unindo circumloquios, e primores,
A final tirará por consequencia,
Que assim como a Rainha das mais flores
Ao çujo Escaravelho desagrada,
Assim tambem a goticos Doutores
Toda a invençaõ amena, e delicada.

FABULA LII.

O Cisne, e o Sirzino.

CAla-te bacharel paſſaro indino,
Diſſe o Ciſne ao Sirzino:
Acantar me provocas quando ſabes,
Que da minha voz doce a melodia
Inda naõ teve igual entre as mais aves:
O Sirzino ſeus trinos repetia;
E o Ciſne continua: ¡ que inſolencia,
Vejaõ como me inſulta o peralvilho!
Se com ſoltar meu canto o naõ humilho...
Mas valle-lhe o querer eu ter prudencia:
Oxalá que cantáras,
O Sirzino zombando reſpondia:
Quanto nos admiráras
As cadencias ſoltando concertadas,

Que

Que ninguem té hoje em dia
Se ſabe ter-te ouvido,
Bem que ſejaõ, que as minhas mais gabadas!
Quiz o Ciſne cantar, deo hum graſnido.
¡ Grande couſa ganhar fama ſem ſciencia,
E perde-la chegando a experiencia!

FABULA LIII.

O Lobo, e o Pastor.

CErto Lobo fallou com hum Paſtor:
Amigo meu, lhe diz: ¿ porque razaõ
Me olhas ſempre com odio, e com horror?
Aos Lobos chamas máos, pois o naõ ſaõ.
De inverno a noſſa pelle abrigo dá;
Cura humanos achaques mais de mil;
E outro preſtimo tem, ſegura eſtá,
Que a pique alguma pulga, ou bicho vil:

Té

Té minhas unhas saõ muito excellentes
Dos olhos contra o mal tem a virtude;
Tambem sabes quam uteis saõ meus dentes
E a quantos com meu unto dou saude.
Carniceiro animal, disse o Pastor:
Maldito sejas sempre amen amen:
¿ Depois que nos tens feito tanto mal,
Que importa fazer possas algum bem?
Outro tanto desejo
A tantos livros lobos como eu vejo.

FABULA LIV.

O Macho da nora, e Caõ.

TAlvez que, Leitor discreto,
Em estalaje, ou Convento,
Tenhas visto hum bello invento
Para mover hum espeto.

He

He huma roda de madeira,
Dentro da qual encerrado
Anda hum caõ, que já ensinado,
C' os pés a move ligeira.
Parece que certo Caõ,
Que esta maquina movia,
A dizer entrou hum dia:
Bem trabalho ¿e que me daõ?
¡ Como suo, Ai infeliz,
E al fim por muito favor
Me arrojará meu senhor
Hum osso dessa Perdiz!
¡ Com muita incommodidade
A vida aqui vou passando!...
Safar-me-hei, naõ só deixando
A casa, mas a Cidade.
Apenas seu amo o solta,
Dissimulado fugio,
Chega ao campo, e hum macho vio,
Que a huma nora dava volta;

Té

Naõ o tinha visto bem
Quando diz: Que he isso, ó lá,
Ah! parece que por cá
Assamos cárne tambem.

Naõ asso carne, agoa saco,
O macho lhe respondeo:
Isso tambem farei eu,
Torna o Caõ: bem que estou fraco:

Como essa roda he maior
Hum pouco mais suarei:
Peza tanto! Ah naõ voltei
A roda de meu senhor?

Sobre tudo me daraõ
Mais de comer que atégora,
Mais louvor: mas o da nora
Desta sorte disse ao Caõ.

Eu lhe aconselho amiguinho,
Voltar o espeto he melhor,
Que esta empreza he superior
A força d'hum cachorrinho.

Olhem

¡Olhem o macho velhaco,
E que bem lhe respondeo!
Pois o mesmo já li eu
Em hum tal Horacio Flaco:
Que hum Auctor dá em erro
Tratando em cousas com que
Depois naõ possa: isto he
Que naõ ande á nora o perro.

FABULA LV.

O JUMENTO, E SEU DONO.

HUma vez que do máo, e que do bom,
Faz sempre a plebe igual estimaçaõ;
Eu lhe dou o peor que he o que ella gava:
Deste modo seus erros desculpava
Hum escritor de farsas indecentes,
E hum maligno poeta, que o ouvia
Estes versos lhe pôz logo presentes.

Ao humilde jumento
Seu dono dava palha, e lhe dizia:
Toma, pois que com isto te contento:
Tantas vezes o disse, até que hum dia
O Burro se enfadou, e disse: eu tomo
O que me queres dar, porém saberás,
Que a palha taõ sómente naõ me apraz,
Dá-me graõ, e verás se acaso o como.

Saiba quem para o publico trabalha,
Que a plebe tambem culpa sem razaõ,
Pois se dando-lhe palha, come palha,
Se lho desse, tambem comêra graõ.

FA-

FABULA LVI.

A LAGARTA, E OUTROS ANIMAES.

SE ſe lembra o Leitor de huma aſſemblea,
Onde a viſta de mil animaes varios,
A Rapoza atinou porque motivo
Se louvou o Aveſtrus, e Dromedario;
Saiba que na meſmiſſima aſſemblea
Hum dia ſe tractava do Gozano
Induſtrioſo artifice da ſeda,
E todos lhe louvárað ſeu trabalho;
Para moſtra preſentað hum caſulo,
Examinado foi, derað-lhe applauſos,
Té a meſma Toupeira, com ſer cega,
Ponderou do caſulo o delicado:
Em termos offenſivos lá d' hum canto
Murmurava a Largata vil, chamando

Ao

Ao primor do casulo frioleira,
E a seus elogiadores mentecaptos:
Preguntáraõ entaõ huns aos outros:
¿ Porque razaõ taõ misero bichano
O unico ha de ser, que vitupera
O que todos concordes nós louvamos?
Disse a Rapoza entaõ: Pela minha alma
Que esta razaõ naõ póde estar mais clara;
Naõ sabeis companheiros, que a Lagarta
Inda que maos, tambem casulos lavra.

Laboriosos engenhos perseguidos,
Quereis hum bom conselho; pois cuidado,
Se acaso vos provocaõ invejosos,
Naõ façais mais, contai-lhes este caso.

FABULA LVII.

A DONINHA, E O CAVALLO.

CErto dia huma Doninha
Hum alazaõ vio andar,
Que docil á eſpora e redea,
Se adeſtrava em galopar;
Vendo-o fazer movimentos
Taõ velozes, e a compaſſo,
Deſte modo lhe fallou
Com muito deſembaraço:

Meu ſenhor,
Do primor,
Ligeireza,
E deſtreza,
Naõ me eſpanto,
Que outro tanto

Sei

Sei fazer, e talvez mais;
Eu ſou viva,
Sou activa,
Eu rodeio,
Eu paſſeio,
Se careço
Subo e deſço,
Nem eſtou quieta já mais:
O paſſo deteve o porco,
E com todo o ſerio ſeu,
Neſtas palavras ſeguintes
A' Doninha reſpondeo:
Tantas hidas,
E venidas,
Tantas voltas,
E revoltas,
Quero amiga
Que me diga
¿ Saõ de alguma utilidade?
Meu a faõ
Naõ he em vaõ,

Sei fazer
Meu dever,
E em abono
De meu dono
Luz a minha habilidade.
Alguns Auctores seraõ
Doninhas por modo igual,
Se em Obras frivolas gastaõ
Todo o calor natural.

FABULA LVIII.

O Caçador, e o Furaõ.

De coelhos carregado,
E morto de calor,
Já de noite cançado
A sua casa voltava hum caçador.
Encontra no caminho
Já perto do lugar
Hum amigo e visinho,
Sua fortuna lhe entrou logo a contar;
Todo o dia naõ parei,
Lhe disse, hum só instante;
Mas naõ fiz, nem farei
Outra caçada á de hoje similhante.

Des-

Des-que rompeo a Aurora,
He certo que ſoffri
Huma calma abrazadora,
Mas vê que laparoens eu trago aqui.
Outra vez te repito,
Sem nenhuma vaidade,
Naõ há neſte deſtrito
Hum caçador de mais habilidade.
Com o ouvido applicado,
Eſcutava o Furaõ
Aquelle arrazoado,
Do caſſiſo onde tem a habitaçaõ.
Eis-que o meu Furaõzico
Deita fora o focinho,
E ao dono diz: ſupplico
(Se o ſenhor dá licença) hũ recadinho,
¿ Quem por entre os eſpinhos
Foi que mais trabalhou,
Eſſes animaiſinhos
Qual de nós ambos foi que os caçou?

¿Em taõ pouco me tem
Para tratar-me assim?
Parece que tambem
Se pudera fazer mençaõ de mim.
Qualquer pensaria,
Que este aviso moral
Ao Caçador faria
Hũa grande impressaõ, pois naõ há tal,
Ficou taõ socegado,
Como ingrato Escritor,
Que do auxilio prestado
Se aproveita, e naõ cita o bemfeitor.

FABULA LIX.

O Jumento do Azeiteiro.

CHeio de azeite levava
Hum odre pobre ſendeiro,
Que a ſeu dono, hum azeiteiro,
Em ſeu officio ajudava.

Com marcha hum pouco apreſſada
De noite na eſtancia entrava,
E de huma porta na aldrava
Deu a mais cruel marrada.

Ai! Gritou; naõ he couſa dura
Que acarrete azeite, e que
Tenha a eſtancia ſempre eſcura?
Talvez pela eſpora dê
Todo aquelle, que procura
Juntar livros, que naõ lê.

¿ Deu á efpora ? bem eftá ;
¿ Mas efte tal por ventura
Minhas Fabulas lerá ?

FABULA LX.

Os Mosquitos.

Diabolica refrega
Em bem provída adega
Se trava entre infinitos
Bebedores Mofquitos ;
¡ Mas he coufa pafmofa ,
Que o gran Villa Viçofa
Na mofquaida naõ trate
Defte grande combate!

Era o cafo , que certos
Machuchos , e expertos
Com vigor defendiaõ ,

Que já se naõ colhiaõ
Aquelles vinhos puros,
Generosos, maduros,
Gostosos e fragantes,
Que se colhiaõ dantes:
No sentir d'outros varios
A esta opiniaõ contrarios,
Os vinhos excellentes
Eraõ os mais recentes:
E do contrario bando
Escarneciaõ, culpando
Aquellas ponderaçoens,
Como declamaçoens
De Juizes amigos
Só de usos antigos:
C'o agudo zunido
D' hum, e outro partido
Afundia-se a adega;
Eis se naõ quando chega
Hum já velho Mosquito,
Provador mui perito,

E jurando o velhaco:
Por vida de deos Baccó...
(Que entre elles já se sabe
Que he juramento grave)
Nenhum dos que aqui estaõ
Como eu dará razaõ,
Nem mais fundado voto:
Cesse já o alboroto:
A' fé de bom Nabarro;
Em tonel odre, ou jarro,
Em barril, lagar, ou cuba
O bom sumo da uva
Difficilmente evita
Minha cortez visita:
E nisto de prova-lo,
Distingui-lo e julga-lo,
Posso lêr de cadeira
De Tudella a Fronteira,
De Canarias a Malta,
De Malaga a Peralta,
Do Porto a Valdepenhas,

Sa-

Sabei por eſtas ſenhas,
Que he grande deſatino
Penſar que ſempre he fino
O vinho, que emcubado
Mais annos tem eſtado;
O tempo o poem melhor
No goſto, e no vigor;
Porém ſe bom naõ fôra,
Peor ſeria agora;
Que em fim tambem havia,
O meſmo que hoje em dia,
Nos ſeculos paſſados
Vinhos avinagrados:
Ao contrario hoje provo
A's vezes vinho novo,
Que competir pudera
C'o melhor d'outra era;
E ſe muitos Agoſtos
Paſſaõ por certos moſtos,
Que hoje ſaõ arguidos,
Talvez ſeraõ bebidos

Dos

Dos futuros Mosquitos
Por vinhos exquisitos.
Basta de desavença;
E por final sentença
O máo vinho reprovo:
Se he bom ainda que novo
O chupo mui contente,
Seja velho, ou recente.
Muitos Doutos teimosos
Pelo antigo zelosos,
Outros pelo moderno,
Tenhaõ litigio eterno.
Meu texto favorito
Será sempre o Mosquito.

FABULA LXI.

A Abetarda.

De ſeus filhos a torpe Abetarda
O pezado voar conhecia,
Deſejando tirar outra cria
Mais leſta, inda que foſſe baſtarda;
P'ra iſto juntou ovos roubados
De Pintaſilgo e Codorniz,
De Alcravaõ, de Pomba e Perdiz,
E em ſeu ninho os guardou miſturados;
Muito tempo a choca-los levou;
E inda que ſe gorláraõ baſtantes,
Daquelles que ficáraõ reſtantes
Mil caſtas de paſſaros tirou;
A Abetarda mil aves convida,
A' quem taõ rara cria moſtrava,

Ca-

Cada Ave seus filhos lhe levava,
E eis-aqui a Abetarda luzida.
Vós, os que chocais furtos d' Auctores
Vossa cria tirai a voar.
Cada Auctor a sua hirá buscar,
V'remos que vos fica meus senhores.

FABULA LXII.

O MEDICO, O ENFERMO, E A ENFERMIDADE.

BAtalha o enfermo
Com a enfermidade,
Elle por naõ morrer,
E ella por matar.
Seu vigor apuraõ
A quem póde mais,
Sem haver certeza
De quem vencerá.

Hum curto de viſta
Em extremo tal,
Que a penas os vultos
Póde deviſar;
Com hum páo pertende
Os dous pôr em paz,
Arrochada vem,
Arrochada vai;
E ſe acaſo acerta
Na enfermidade,
Fica acreditado
De lince ſagaz:
Mas ſe por deſgraça
No enfermo dá,
Fica o cego ſendo
Toupeira brutal.
¿Quem ſabe qual fora
Mais temeridade,
Deixa-los matar-ſe,
Ou hir fazer paz?

An-

Antes que te deixes
Sangrar ou purgar,
Lerás esta Fabula,
Que he medicinal.

FABULA LXIII.

O Volatim, e o Aprendiz.

Em quanto de hum mui destro Volatim
Hum rapaz aprendiz hum dia toma
Liçoens para dançar em amaroma,
Attenda senhor mestre, diz assim:
Veja quanto me estorva este gram páo,
Que nós outros chamamos contra pezo,
A huma vara taõ grande ver-me prezo,
He o que em nosso officio eu acho máo;
¿ De que me serve a mim esta alabanca?
Com ella as forças perco, e me embaraço;
Por exemplo ¿ este salto, este meu passo

Naõ o farei melhor sem esta tranca?
Ora repare bem . . . eu vou sem ella,
Assim dizia: e larga o páo rolliço,
E o equilibrio perde: ¡ Adeos! Que he isso?
O que ha de ser! Quebrei huma costella.
¿ Incauto moço, (diz o Mestre entaõ)
O que te ajuda julgas impecilho?¡
Foges d'arte, e do methodo? Pois filho
Preparate p'ar outro trambulhaõ.

FABULA LXIV.

A COMPRA DO ASNO.

HOntem pela rua
Paſſava hum burrinho,
O mais adornado,
Que já mais hei viſto.
  Albarda, e cabreſto
Eraõ novozinhos,
Com flocos de ſeda
De lindo artificio.
  Borlas, e penacho
Levava o poldrinho,
Laços, caſcaveis,
E oũtros atavios.

E a tizoura feitos,
Com estudo prolixo,
No pescoço, e anca
Debuxos mui lindos.

Parece que o dono,
(Como me haõ dito)
Era hum Sigano,
E dos mais ladinos.

Vendeo a tal peça
A hum simples campino,
Que os olhos da cara
Deu pelo trastinho.

E a casa volvendo,
Mostrou aos visinhos
A famosa compra:
E hum mais entendido,

Lhe disse: vejamos
Se este animalzinho,
Taõ bom corpo tem,
Como bom vestido.

Começa a tirar-lhe
Todos os alinhos,
Sacando-lhe a albarda
Nelle faz regiſtro.

Eis lhe encontra o lombo
Aſſaz mal ferido,
Com ſeis mataduras,
E mais tres lobinhos:

Com mais duas gretas,
E hum tumor antigo,
Que c'o a larga ſilha
Eſtava eſcondido.

Mais burro, que o burro,
Diz elle ao viſinho,
Sou eu, pois me levo
D' adornos poſtiços.

Certo, deſte lance
Naõ vivo eſquecido,
Que eſtá bem talhado,
Para hum meu amigo:

O

O qual por bom preço
Comprou hum livro,
Bem encadernado,
Que naõ val hum figo.

FABULA. LXV.

O Erudito, e o Rato.

Em o quarto d' hum celebre Erudito,
Hum Rato se hospedava; o mais maldito,
Que nada mais comia
Do que os versos, e proza que roia;
Já mais d'hum gatarraõ o astuto zello
Pôde chegar-lhe ao pello,
Nem estranhas invençoens
De varias, e engenhosas ratoeiras,
Nem inda o rozalgar em confeiçoens
Fez que o animalejo

Con-

Contívese o desejo
De registar as doutas papeleiras,
E de roer-lhe as paginas inteiras:
Procurou com desvelo
O perseguido Auctor dar logo ao prello
As obras de eloquencia, e poesia,
Mas o bicho travesso,
Se antes o manuscrito lhe roia,
Muito melhor roia o já impresso.
¡ Que desgraça ! dizia
O literato entaõ, eu já estou farto
D'escrever para gente roedora,
Por ver-me livre disto, desde agora
Terei só papel branco no meu quarto;
Eu farei que que a desordem se corrija.
Porém a traidora sevandija
Taõ a feita a más manhas igualmente
Em o branco papel cravava o dente.
O Auctor aborrido
Deitou na tinta dose competente
De solimaõ moido:

E eſcreve; mas naõ ſei ſe em proſa, ou verſo:
O bicho continua a ſer perverſo,
E rebenta por fim: bella invençaõ!
O critico poeta diſſe entaõ;
Pois o que tudo roi debaixo a riba,
Olhe naõ ſeja a tinta corroſiva.
Bem faz quem ſua critica modera,
Mas uſa-la convêm, e bem ſevera
Contra a que injuſta for murmuraçaõ,
Pois naõ alçar entaõ a voz ſincera
Argue muito medo, ou ſemrazaõ.

FABULA LXVI.

Os dous hospedes.

PAſſando por hum povo
De huma montanha,
Dous cavalheiros moços
Buſcaõ pouſada.
De dous viſinhos
Recebem mil offertas
Os dous amigos

Por-

Porque a nenhum queriaõ
Desagradar,
A casa d'hum, e outro
Vaõ hospedar-se;
D'ambas as casas
Cada hospede escolhe
A que lhe agrada.
Aquella q'hum perfere
Tinha hum bom pateo,
E bello frontespicio,
Como hum Palacio,
E bem abertas
Suas armas tambem tinha
Em boa pedra.
A do outro por fóra
Naõ era taõ grande,
Mas dentro naõ faltava
Onde alojar-se;
Pois nella havia
Salas muito excellentes,
Claras, e limpas;

Mas

Mas o outro Palacio
Do fronteſpicio,
Além de eſtreito era
Eſcuro, e frio.
Com bom portal,
Mas os quartos por dentro
De telha vaã.
O que alli eſteve hum dia
Mal hoſpedado,
Ao amigo contou
Todo eſte caſo.
Reſponde o amigo
Pois o meſmo ſuccede
Com muitos livros.

FABULA LXVII.

O RELRATO DE GOLILHA.

DE fraze eſtrangeira o mal pegadiço
Hoje a noſſa lingua traz muito achacada,
Porém há quem penſe naõ fallar caſtiço,
Senaõ deixa pela antiga a fraze uſada.
Intrete-lo vou com hum conto, ou conſelho,
E para lhe dar maior contentamento
No ſeu meſmo eſtillo referir-lho intento,
Com o novo idioma miſturando o velho.
 Naõ ſem muitos zelos hum pintor d'oganno
Via como agora gram lôa, e valia
Alcançaõ alguns retratos d'oroanno,
Naõ arremeda-los por gram mingua havia.
Entonces querendo retratar hum dia
A hum certo rico homem ſenhor de gram conta,
Jul-

Entendeo que a antiga vestidura, monta,
E estima de ranço ao quadro daria:
  Segundo Velasques com isto creo ser;
E assim que da cara toda a semelhança
Trasladou, eis golilha lhe foi poer,
E outros atavios mais d'antiga usança,
E o quadro a seu dono leva sem tardança,
Que ficou espantado logo que vio,
Que do modo antigo o pintor o vestio,
Maguer que o vio proprio em a bastança:
  Porém huma traça lhe vem logo a mente
Com que ao retratante dar o galardaõ.
Herdadas guardava de hum seu ascendente
Antigas moedas n'hum velho caixaõ,
Do quinto Fernando muitas dellas saõ,
Affora d'alguas de Carlos primeiro,
D'ambos os Filippes, segundo, e terceiro,
Deo-lhe cheio dellas hum grande bolsaõ:
Com estas moedas, ou antes medalhas,
O pintor lhe disse: se eu for ao mercado
Quando me cumprir o comprar vitualhas
Tor

Tornarei a caſa com hum bom recado:
Boſé, diſſe o outro : ¿ naõ me haveis pintado
Em trage, que hum dia foi mui ſenhoril,
E que agora veſte ſó hum alguazil?
Qual me retrataſtes, tal vos hei pagado.
Levai o retrato, e a gravata uſada,
Em vez de golilha logo me pintai,
E em hum eſpadim trocareis eſſa eſpada,
Tambem em cazaca a roupa me mudai;
Porque deſta ſorte naõ haverá gente,
Que ao ver-me em tal guiza conheça o meu geſto,
Entonces a voſſa paga tereis preſto,
Na melhor moeda que he hoje corrente.
Ora pois ſe a riſo provoca a idea,
Que teve eſte louco moderno pintor,
¿ Naõ havemos nós de rir quando tontea
Com ancians frazes hum novo auctor?
O que he affectado julga que he primor;
Falla puro; naõ lhe emporta a claridade,
Voz baixa naõ acha para a noſſa idade,
Se foi nobre em tempo de Cid campeador.

FA-

FABULA LXVIII.

O Rico metido a arquiteto.

HUm rico ſeu palacio edificando,
Querendo-o adornar de eſquina a eſquina,
De huma grande, e antiquiſſima ruina
Foi fragamentos mil deſenterrando
Huma cornija alli, mais outro frizo,
Em fim quanto eſcolheo provoca riſo:
Que eraõ, ouvio dizer, reſtos precioſos
Do bom goſto, e grandeza dos Romanos,
E que alguns arquitetos muito uſanos
Pelos ter imitado eraõ famoſos;
P'ra melhor adornar ſeu edificio
Os foi pela fronteira repartindo,

Cha

¡ Chapada ſingular, remendo lindo !
Todos ſe hiaõ a rir do fronteſpicio.
Menos hum certo *quidam* da tal terra
Com viſos de Doutor com tal mania,
Que vocabulos antigos deſenterra
P'ra os amaſſar tambem c'os d'hoje em dia.

F I M.